

# **O OFÍCIO DAS REZADEIRAS SOB O OLHAR DAS ETNO-X**

*THE CRAFT OF THE REZADEIRAS  
UNDER THE EYES OF THE ETHNO-X*

## ***Jailda da Silva dos Santos***

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tendências da Educação Matemática e Cultura (GEPTeMaC). Governador Mangabeira, Bahia, Brasil. ORCID: 0000-0002-2061-0178. E-mail: jaildasyilva@hotmail.com

## ***Zulma Elizabete de Freitas Madruga***

Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Professora de ensino de Matemática no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Docente dos Programas de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (UESC) e Educação Científica e Formação de Professores (UESB). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tendências da Educação Matemática e Cultura (GEPTeMaC). Amargosa, Bahia, Brasil. ORCID: 0000-0003-1674-0479. E-mail: betemadruga@ufrb.edu.br

**Resumo:** Este artigo apresenta recorte de uma monografia, e tem como objetivo compreender a cultura das Rezadeiras e suas possíveis contribuições para o ensino e aprendizagem, sob o olhar das etno-x, mais especificamente da Etnomodelagem. Caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que se fez o uso da entrevista por meio das narrativas para obter dados a respeito da prática desenvolvida por uma Rezadeira em seu ofício com as rezas. Para além, foi realizado um estudo bibliográfico sobre a Etnomatemática, a Modelagem Matemática e a Etnomodelagem, Tendências da Educação Matemática que fundamentaram esta pesquisa. Os resultados apontam que a cultura das Rezadeiras pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando uma prática interdisciplinar. Ademais, práticas pedagógicas voltadas para a Etnomodelagem, por exemplo, além de contribuir para a melhoria e desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, permitem a valorização de diferentes grupos culturais, que por vezes são invisibilizados perante a sociedade.

**Palavras-chave:** Etnomodelagem. Saberes tácitos. Cultura. Interdisciplinaridade.

**Abstract:** This article presents an excerpt from a monograph, and aims to understand the culture of the Rezadeiras and their possible contributions to teaching and learning, from the perspective of ethno-x, more specifically Ethnomodelling. It is characterized as a research with a qualitative approach, in which interviews were used through narratives to obtain data about the practice developed by a Rezadeira in her work with prayers. In addition, a bibliographical study was carried out on Ethnomathematics, Mathematical Modelling and Ethnomodelling, Trends in Mathematics Education that supported this research. The results indicate that the culture of the Rezadeiras can contribute to the teaching and learning process, enabling an interdisciplinary practice. In addition, pedagogical practices aimed at Ethnomodelling, for example, in addition to contributing to the improvement and development of the teaching and learning process, allow the appreciation of different cultural groups, which are sometimes made invisible by society.

**Keywords:** Ethnomodelling. Tacit knowledge. Culture. Interdisciplinarity.

## INTRODUÇÃO

O processo de ensino e de aprendizagem não deve ser visto como uma prática de reprodução, em que o professor é o único detentor do conhecimento e os saberes desenvolvidos e praticados pelos estudantes não são levados em consideração. A vivência cultural dos estudantes permite que eles, ao chegarem à escola, já detenham um saber que por vezes diverge do que é ensinado em sala (saber cultural x saber acadêmico).

Por conta dessa divergência, cabe aos estudantes a responsabilidade de estarem atentos e reproduzirem o que lhes foi/será apresentado pelos professores, sem colocar em prática as possíveis relações que podem ser feitas com os conhecimentos advindos da sua vivência cultural, haja vista que o currículo escolar, em particular o de Matemática, versa sob uma perspectiva de Educação Colonial<sup>1</sup>.

Nesse sentido, destaca-se a concepção baldista de ensino, que segundo Santos<sup>2</sup>, nesse modelo “cabe ao professor ‘transmitir’ da melhor forma possível esse conhecimento (em geral partindo de definições), e, ao aluno, cabe estar atento, escutar e anotar em seu caderno, para que ele possa ‘receber bem’ o conhecimento transmitido pelo professor”.

Todavia, entende-se que ao chegar na escola, o estudante não deve ser visto como uma tábula rasa ou balde vazio, que apenas espera a transmissão de conhecimentos por parte do professor. É importante que a eles seja dada a oportunidade de explorar a bagagem de conhecimentos que carregam consigo, desenvolvidos e praticados no seu dia a dia, ou seja, os seus conhecimentos tácitos. Para que então, possam estabelecer relações entre suas práticas cotidianas e o que está sendo apresentado em sala de aula, contribuindo assim para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem.

O conhecimento tácito é um modelo subjetivo e individual de conhecimento, adquirido ao longo das experiências e vivências particulares de cada pessoa. É um

---

<sup>1</sup> GERDES, Paulo. Etnomatemática e educação matemática: uma panorâmica geral. *Quadrante*, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 105-138, 1996.

<sup>2</sup> SANTOS, Marcelo Câmara dos. Algumas concepções sobre o ensino-aprendizagem de matemática. *Educação Matemática em Revista*, [S. l.], ano 9, n. 12, p. 150-156, jun. 2002. p. 151.

conhecimento subjetivo, que está interiorizado nas pessoas e que é muito difícil de ser explicado. De acordo com Rosa e Orey<sup>3</sup>, o conhecimento tácito está enraizado nas experiências das pessoas, sendo subjetivo, contextualizado e análogo. É adquirido e acumulado por meio das vivências individuais, bem como envolve fatores intangíveis, a exemplo das crenças, das perspectivas, das percepções, dos sistemas de valores, ideias, emoções, normas, dos pressentimentos e das intuições.

Consoante, destaca-se que os conhecimentos tácitos, ou seja, os saberes desenvolvidos nas culturas em que os estudantes estão inseridos, são/foram de suma importância para o desenvolvimento da sociedade, uma vez que foi por meio desses saberes que a humanidade foi se constituindo, e buscando formas de resolver as situações problemas que lhes eram apresentadas. Para Rosa e Orey,

[...] a humanidade, desde a sua origem, vem acumulando conhecimentos científicos com relação aos próprios ambientes natural, social, cultural, político, econômico e ambiental; a ciência, como a entendemos atualmente, surgiu como uma maneira distinta de explicar, compreender e lidar com esses ambientes.<sup>4</sup>

Assim, compreende-se que o saber apresentado em sala de aula pode também ser desenvolvido por meio de resgates históricos, de práticas e ações que povos e grupos culturais desenvolviam ou desenvolvem no seu dia a dia. Os quais, atrelados a saberes científicos, originaram práticas de ensino que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, reforça-se o fato de que os estudantes não devem ser vistos como um balde vazio ou tábula rasa, e que os conhecimentos tácitos que eles trazem consigo, devem ser valorizados, e quando possível, contextualizados em sala de aula. Para Gomes,

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciemos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e

---

<sup>3</sup> ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagensêmica, ética e dialética. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 865-879, 2012.

<sup>4</sup> ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Interlocuções Polissêmicas entre a Etnomatemática e os Distintos Campos de Conhecimento Etno-x. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 63-97, jul./set. 2014. p. 66.

---

professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos.<sup>5</sup>

Nessa direção, essa pesquisa objetiva compreender a cultura das Rezadeiras e suas possíveis contribuições para o ensino e aprendizagem, sob o olhar das etno-x, mais especificamente da Etnomodelagem, haja vista, que o ofício das rezas ganha força no Brasil no período de colonização<sup>6</sup>, sendo uma prática de povos indígenas e africanos, povos que por vezes tiveram que negar sua cultura, em virtude da sobrevivência.

A seguir, apresenta-se brevemente sobre o ofício das Rezadeiras e sobre as etno-x, destacando a Etnomodelagem – base teórica que sustenta a pesquisa; o percurso metodológico da investigação; alguns resultados e discussões; e as considerações finais.

## O OFÍCIO DAS REZADEIRAS

As Rezadeiras por meio das benzeções, indicações de chás ou garrafadas, buscam mediar a cura de pessoas que foram acometidas por alguma enfermidade<sup>7</sup>. Entretanto, para além dessas ações, é preciso que as pessoas tenham *Fé* e crença na prática que está sendo realizada, pois as Rezadeiras apenas possuem o dom de proferir as rezas, mas a cura vem de Deus, como afirma Lewitzki<sup>8</sup>.

A prática das rezas trata-se de um saber passado de geração para geração, por avós, pais, vizinhos e amigos. É algo que não se aprende na escola e não possui comprovação científica da sua eficácia (cura), mas desde tempos de outrora, sempre foi utilizada pelas pessoas, que se sentiam melhor após serem rezadas.

---

<sup>5</sup> GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, Braga, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. p. 102.

<sup>6</sup> SILVA, Elizete Machado. A tradição Popular das Rezadeiras no Município de Governador Mangabeira – BA (1962-1987). *Textura*, Governador Mangabeira, BA, edição especial, p. 119-198, dez. 2012. (Publicado originalmente no v. 1, n. 1, jan./jun. 2006).

<sup>7</sup> SANTOS, Érica Oliveira. Rezas, Crenças e Saberes de Práticas de Curas e Lagoa da Rosa – Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-2011). *Textura*, Governador Mangabeira, BA, edição especial, p. 101-117, dez. 2012. (Publicado originalmente no v. 1, n. 1, jan./jun. 2006).

<sup>8</sup> LEWITZKI, Taisa. *A vida das benzedeadoras: caminhos e movimentos*. 2019. 242 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

A ascensão desta prática ocorreu no momento em que as pessoas não possuíam recursos financeiros suficientes para ir a médicos e comprar medicamentos por eles indicados quando alguma enfermidade acometia o seu corpo<sup>9</sup>. E então, valendo-se das riquezas e heranças deixadas pelos povos indígenas e africanos, estas pessoas buscavam na utilização das ervas, a cura para tais doenças.

Destaca-se que a prática das rezas, por trata-se de saberes deixados por povos indígenas e africanos, por vezes foi visto como bruxaria ou feitiçaria. Além disso, por muito tempo essas ações não foram aceitas, seja por questões religiosas ou por não terem resultados comprovados pela medicina científica. Essa visão refere-se também a uma forma de preconceito e desvalorização de saberes deixados por povos que foram silenciados e explorados no período de colonização.

Porém, de acordo com Di Strasi:

[...] A arte dos benzedores, curandeiros e xamãs, herdada dos magos e feiticeros de outrora, pode ser vista hoje, em teste, nos laboratórios científicos, os quais passaram a avaliar experimentalmente a veracidade destas informações, tendo em vista a descoberta de novos medicamentos, com base justamente nos conhecimentos que foram adquiridos durante milhares de anos e repassados de geração em geração por aqueles que são os ancestrais da ciência moderna.<sup>10</sup>

Diante do exposto, vislumbra-se que os conhecimentos destes povos contribuíram direta ou indiretamente para a comprovação dos benefícios que as rezas traziam para as pessoas acometidas por alguma enfermidade. Haja vista, que após análises em laboratórios, tem-se que para a composição de alguns remédios, são utilizados os conhecimentos tácitos de indicações da reza.

A prática da benzedura geralmente é atrelada à figura feminina. Mulheres que, em sua maioria, são de idade mais avançada e não tiveram acesso ao processo de escolarização e, “[...] portanto, reuniam qualidades inferiorizantes para o contexto de uma sociedade capitalista de consumo e produção”<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> SILVA, 2012.

<sup>10</sup> DI STASI, Luiz Cláudio. Arte, Ciência e Magia. In: DI STASI, L. C. (org.). *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: UNESP, 1996. p. 17.

<sup>11</sup> FRATELIS, Ânila Teresa Santana. *Entre o altar e o congá: ações sociais de mulheres religiosas em Governador Mangabeira (1970-1997)*. 2020. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020. p. 80.

---

Ainda com base em Fratelis<sup>12</sup>, pode-se perceber que as mulheres, neste caso, as Rezadeiras, mesmo com todas as dificuldades e exclusão enfrentadas, sempre fizeram contribuições e descobertas que auxiliaram, e ainda auxiliam, no avanço pessoal, intelectual e bem-estar dos seres humanos. Assim, é muito importante destacar e fazer ecoar as contribuições destas mulheres em diversos ramos da ciência, cultura e educação.

Nesse sentido, Carvalho e Casagrande dizem que:

[...] o conhecimento que as mulheres produziam não era considerado científico, pelo simples fato de ser 'feminino'. A medicina, por exemplo, sempre foi praticada por mulheres desde a antiguidade, mas a partir do século XIII surgem leis que as proibem de praticá-la. No entanto elas continuam praticando-a como curandeiras, benzedeadas ou parteiras.<sup>13</sup>

Na prática das rezas, há saberes específicos oriundos das ações desenvolvidas por esse grupo. Assim, destaca-se que para cada reza há um dizer específico a ser proferido, em alguns casos, além das rezas é necessário a indicação de chás ou garrafadas, bem como para cada tipo de reza é utilizado instrumentos diferentes. Outro ponto a ser destacado, são os horários e dias propícios para se rezar e a linguagem empregada por essas mulheres que, em sua maioria, não possuem escolarização formal.

Nesse sentido, com vistas a estudar e investigar as práticas de grupos culturais distintos, no caso as Rezadeiras, e como estas resolvem situações-problemas do seu cotidiano, a partir de seus saberes tácitos, recorreu-se às *etno-x*, mais especificamente à Etnomodelagem, como base teórica para esta investigação.

## **DAS ETNO-X PARA A ETNOMODELAGEM**

As relações entre saberes locais e as diferentes áreas de conhecimento são importantes para que se possa obter informações estruturadas sobre um determinado assunto de interesse<sup>14</sup>. A abordagem clara dessas relações auxilia na compreensão

---

<sup>12</sup> FRATELIS, 2020.

<sup>13</sup> CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e Ciência: desafios e conquistas. *INTERthesis*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 20-35, jul./dez. 2011. p. 22.

<sup>14</sup> ROSA; OREY, 2014.

de conceitos específicos encontrados em grandes áreas do conhecimento como as Ciências (Física, Química, Biologia), a Matemática e até mesmo a computação que são respaldadas por campos de pesquisas mais recentes como Etnociências (Etnofísica, Etnoquímica, Etnobiologia), Etnomatemática e a Etnocomputação<sup>15</sup>.

Nesse sentido, destaca-se que esses conhecimentos científicos podem ser de diferentes áreas ou campo de estudo, inclusive oriundo de grupos culturais distintos. Uma vez que, ao ter contato com um grupo cultural a ser investigado, observando suas práticas e saberes desenvolvidos, é possível estabelecer relações com diversos campo, não somente a Matemática, o que possibilita-nos abrir novos horizontes para as etno-x.

Segundo Rosa e Orey<sup>16</sup>, etno-x parte do pressuposto de que o x denomina a classificação metodológica acadêmica a qual deseja-se estudar, e o *etno* não assume o significado relacionado à etnia, caracterizando-se como a investigação dos comportamentos e práticas de um determinado grupo.

Assim sendo, destaca-se que os saberes inerentes de um determinado grupo contribuíram e podem contribuir para o desenvolvimento de saberes científicos e acadêmicos, bem como para o processo de ensino e aprendizagem. Tendo em vista que, ao explorar os saberes de uma determinada cultura, busca-se além das possíveis relações a serem estabelecidas com o ensino, a valorização desses povos.

Mediante isto, os estudantes ao se depararem no cenário da Educação com ações em que eles se sintam representados e entendam a aplicabilidade do que veem em sala nas suas práticas diárias, podem se sentir mais motivados, tornando-se mais assíduos e participativos nas aulas.

Especificamente sobre a Etnomodelagem, esta pode ser compreendida como a junção da Etnomatemática e Modelagem Matemática (MM). Para D'Ambrosio, a Etnomatemática deve ser entendida a partir de três raízes (ETNO+MATEMA+TICA):

---

<sup>15</sup> EGLASH, Ron *et al.* Culturally situated designed tools: ethnocomputing from field site to classroom. *American Anthropologist*, v. 108, n. 2, p. 347-362, 2006.

<sup>16</sup> ROSA; OREY, 2014.

---

“arte ou técnica (tica) de explicar, de entender, de se desempenhar na realidade (matema), dentro de um contexto cultural próprio (etno)”<sup>17</sup>.

Nesse sentido, a Etnomatemática visa compreender como os povos e grupos culturais solucionavam as situações problemas encontradas no seu dia a dia. Todavia, a Modelagem Matemática (MM) pode ser vista como uma estratégia que contribui para explicar e traduzir como essas técnicas eram executadas por esses povos por meio de modelos.

Conforme Biembengut,

Nenhum modelo ou forma de representar é casual ou rudimentar. É, antes, a expressão das percepções da realidade, do desejo da aplicação, da representação. A história da humanidade apresenta infinidade de situações que impulsionaram a elaboração de modelos que se transformaram em objetos, obras, ações, métodos, tecnologia.<sup>18</sup>

Para Biembengut<sup>19</sup>, a MM é um método de ensino com pesquisa que perpassa por três etapas, e nelas, os pesquisadores, estudantes e professores vão tendo contato com as ações e histórico das práticas desenvolvidas pelo grupo investigado; coletam dados; e buscam se familiarizar com a temática (Percepção e Apreensão). Em seguida, de posse desses dados buscam estabelecer relações, traduzindo a situação investigada para uma linguagem Matemática por meio de modelos (Compreensão e Explicitação). E por fim, na última etapa serão verificados e validados os modelos produzidos condizem de fato com a temática e situação problema investigada (Significação e Expressão). Uma vez que, a tradução para a linguagem matemática não deve descaracterizar a práticas e técnicas utilizadas pelo grupo no seu dia a dia.

---

<sup>17</sup> D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: um programa. *Educação matemática em revista*. Blumenau: Editora FURB, n. 1, p. 5-11, 1993. p. 9.

<sup>18</sup> BIEMBENGUT, Maria Sallet. Modelagem Matemática & Resolução de Problemas, Projetos e Etnomatemática: Pontos Confluentes. *ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v. 7, n. 2, p. 197-219, nov. 2014. p. 201.

<sup>19</sup> BIEMBENGUT, Maria Sallet. *Modelagem na Educação Matemática e na Ciência*. São Paulo: Livraria da Física, 2016.



Nessa perspectiva, a Etnomodelagem surge como uma forma de conectar os saberes inerentes de grupos culturais distintos aos saberes matemáticos acadêmicos por meio dos (etno)modelos<sup>20</sup>.

Madruga define Etnomodelagem como:

[...] uma proposta metodológica que se utiliza dos conceitos de diversidade e cultura (etno) em consonância com a Modelagem Matemática (ticas) com o objetivo de potencializar a aprendizagem (matema) nos diferentes níveis de escolaridade, visando sugerir um caminho para o ensino e aprendizagem de Matemática.<sup>21</sup>

Três abordagens que auxiliam na utilização e compreensão de ações e pesquisas que versam sobre a perspectiva da Etnomodelagem são definidas por Rosa e Orey, são elas:

Global (ética): é a visão dos observadores externos, de fora, sobre as crenças, os costumes e o conhecimento matemático desenvolvido pelos membros de grupos culturais distintos. Local (êmica): é a visão dos membros de grupos culturais distintos sobre a própria cultura e crenças e, também, sobre os próprios costumes e conhecimento matemático. O conhecimento local é importante porque foi valorizado, testado e validado dentro do próprio contexto local. Glocal (êmico-ético): a glocalização representa uma interação contínua entre a globalização e a localização, pois oferece a perspectiva de que ambas as abordagens são elementos importantes de um mesmo fenômeno.<sup>22</sup>

Essas abordagens permitem conhecer, interpretar, correlacionar ou traduzir os saberes desenvolvidos por diferentes grupos culturais e os conhecimentos científicos desenvolvidos pelo pesquisador.

Na abordagem êmica, o pesquisador busca conhecer a cultura investigada, observando e analisando os comportamentos dos povos inseridos na cultura sob a

---

<sup>20</sup> CORTES, Diego Pereira de Oliveira. *Re-significando os conceitos de função: um estudo misto para entender as contribuições da abordagem dialógica da etnomodelagem*. 2017. 226 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

<sup>21</sup> MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. Pesquisas em Etnomodelagem no Brasil: um olhar sobre as concepções de Modelagem Matemática. *ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação*, Marabá, PA, v. 4, n. 2, p. 17-32, 30 dez. 2022. p. 18.

<sup>22</sup> ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Etnomodelagem como um movimento de globalização nos contextos da Etnomatemática e da Modelagem. *Com a Palavra o Professor*, Vitória da Conquista, v. 5, n. 11, p. 258–283, jan./abr. 2020. p. 265.

---

perspectiva de como estes utilizam seus saberes matemáticos para solucionar as situações problemas do cotidiano.

De posse dessa observação, o pesquisador pode estabelecer relações com saberes matemáticos a serem ensinados em sala de aula (abordagem ética). Assim, por meio do diálogo entre essas duas abordagens, surgem propostas que conectam os saberes matemático escolares com os saberes matemático culturais. Possibilitando que sejam inseridas na sala de aula discussões que versem sobre diferentes culturas de forma a não sobrepor um conhecimento sobre o outro<sup>23</sup>.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, conforme Bogdan e Biklen<sup>24</sup>, pois busca-se, através das raízes culturais das Rezadeiras, descrever as possíveis conexões que se podem fazer com o processo de ensino e aprendizagem de algumas disciplinas.

Para tanto, utilizou-se da entrevista por meio de narrativas, para compreender como as Rezadeiras interpretam e realizam o ofício das rezas (conhecimento êmico), e assim por meio de uma visão acadêmica (conhecimento ético), foram elencando-se aspectos e conceitos científicos que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem (relação dialógica).

Conforme Santos e Madruga, “a utilização de histórias (narrativas) como dados de pesquisa pode facilitar a classificação e identificação de categorias para desenvolver a análise, e por conseguinte auxiliar na elaboração de (etno)modelos, no processo de Etnomodelagem”<sup>25</sup>.

Considerando as constantes mudanças pelas quais passam o cenário da Educação, destaca-se que essa abordagem de ensino voltada para *etno-x*, para além da contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, permitem a valorização de diferentes culturas e uma possível participação mais assídua dos estudantes. Uma

---

<sup>23</sup> D'AMBROSIO, Ubiratan. O Programa Etnomatemática: uma síntese. *Acta Scientiae*, Canoas, v. 10, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2008.

<sup>24</sup> BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto Editora, 2010.

<sup>25</sup> SANTOS, Jailda da Silva dos; MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. A Importância das Narrativas para as Pesquisas em Etnomodelagem. *INTERMATHS*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 195-211, 2021. p. 201.

vez que, eles estarão vendo a aplicabilidade dos conteúdos vistos em sala de aula nas suas práticas cotidianas.

A escolha pela temática se deu pelo fato de a prática das rezas ser muito comum no recôncavo baiano, e assim sendo, entende-se que os estudantes de certa forma possuem ou já tiveram contato com pessoas que realizam o ofício das rezas.

Para realização dessa investigação, foi entrevistada uma colaboradora, mulher negra de 75 anos, residente em Lagoa da Rosa, Governador Mangabeira – Bahia. Esta não possui escolarização formal, e desde muito jovem trabalhava na agricultura de fumo e mandioca.

Após autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizou-se uma entrevista por meio de narrativa, gravada em áudio, com a colaboradora desta pesquisa, que pratica o ofício das rezas. Posteriormente, essas narrativas foram transcritas e analisadas inspirando-se na Análise de Conteúdo<sup>26</sup>. Essas transcrições foram devolvidas à entrevistada para que acrescentasse, complementasse ou discordasse do que foi transcrito.

## **A ANÁLISE DOS RESULTADOS**

De posse da entrevista e valendo-se das três abordagens da Etnomodelagem, a saber: êmica (local), ética (global) e dialógica (glocal), buscou-se estabelecer relações entre os saberes da cultura das Rezadeiras e o processo de ensino e aprendizagem.

No cenário da Educação, tratando-se de discussões sobre essa temática, é comum visualizarem-se estudos voltados para o ensino de História e Sociologia. Contudo, após a entrevista por meio de narrativas, foi possível conceber relações com outras áreas do conhecimento, por exemplo, a Matemática. Essa direção adotada vai ao encontro do que propõem Rosa e Orey:

[...] quando os pesquisadores e investigadores entram em contato com os membros de outros grupos culturais, existe a necessidade de que adotem uma postura aberta, despojando-se das classificações próprias da cultura de

---

<sup>26</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 70. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

---

origem, para que possam compreender a existência de outros sistemas de classificação do conhecimento.<sup>27</sup>

O primeiro momento da análise foi realizado a partir da visão êmica, considerando os conhecimentos da entrevistada a respeito da sua cultura. Assim, valendo-se das narrativas, as pesquisadoras buscaram ter um diálogo que não impusesse ou direcionasse as falas da rezadeira, mas que ao longo da entrevista, a rezadeira pudesse narrar seu ofício, considerando pontos que pudessem auxiliar na resposta à questão de pesquisa. A entrevista acabou se tornando uma conversa agradável, onde informações, por vezes não esperadas, foram surgindo e contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa. E, de fato, em uma pesquisa científica, o pesquisador não deve “esperar” resultados, e sim analisar os dados produzidos como estes aparecem.

Como já mencionado, a análise foi inspirada na Análise de Conteúdo (AC)<sup>28</sup>, a qual auxiliou na organização dos processos a serem adotados para a compreensão dos dados produzidos, os quais constituíram a elaboração da pesquisa, buscando estabelecer conectivos convergentes ou divergentes com os objetivos almejados. Para Moraes<sup>29</sup>, deve-se seguir cinco etapas, que servem para utilização da AC em uma pesquisa, sendo elas: 1 - Preparação das informações; 2 - Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3 - Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4 - Descrição; e 5 - Interpretação.

Dessa análise emergiram as seguintes categorias: *Conhecimentos empíricos e termos culturais*; *Rezas e Chás para curar*, e *Relações entre a Matemática e as rezas*. Cabe destacar que neste artigo se está apresentando apenas a primeira categoria – *Conhecimentos empíricos e termos culturais*, oriundas da visão êmica da colaboradora, e ainda, pontua-se que essa categoria, principalmente, reflete sobre as memórias da entrevistada acerca de como ela aprendeu o ofício das rezas, falas específicas de sua vivência, as rezas e chás mais solicitados ao longo dessa prática e as concepções e elementos matemáticos presentes nesse ofício.

---

<sup>27</sup> ROSA; OREY, 2014, p. 65.

<sup>28</sup> BARDIN, 2016.

<sup>29</sup> MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

## CONHECIMENTOS EMPÍRICOS E TERMOS CULTURAIS

A cultura de uma determinada região ou grupo reflete a forma como as pessoas ali pertencentes se comportam na sociedade, (re)criaram suas práticas e como utilizam o saber cultural ali desenvolvido para solucionar problemas e criar estratégias de sobrevivência. De acordo com D'Ambrosio, “o comportamento se baseia em conhecimentos e ao mesmo tempo produz novo conhecimento”<sup>30</sup>.

Esse conhecimento pode ser científico ou não, mas é compartilhado e transmitido aos povos de várias formas, seja oral, visual ou na escrita, a exemplo da prática das rezas, que é um saber passado de geração em geração, onde, por meio de diálogos, práticas e vivências, pessoas se tornam mediadoras do dom da cura. Nesse sentido, observa-se que o ensinamento de rezas perpassa de maneira intrínseca por um viés que envolve o senso comum.

A rezadeira, ao ser questionada sobre como aprendeu o ofício da reza, ressalta que aprendeu com uma mulher cega. Além disso, a rezadeira nunca foi à escola, e isso corrobora com o fato de que o saber desenvolvido nessa cultura não necessita de conhecimentos científicos comprovados. Para aprender o ofício das rezas basta ter interesse e crença de os resultados e curas que provêm dessa ação.

*“Eu aprendi a rezar com uma pessoa que já morreu há muito tempo, ela era uma pessoa cega, não enxergava, mas ela sabia de tudo de reza, aí ela mim [sic] ensinou pequena a base, assim de 10 anos por aí, e botei na cabeça, botei na cabeça, que fui botando na cabeça, o povo chegando, mim [sic] prendendo pra mim [sic] rezar, aí eu fui rezando o povo e o povo dizendo que ia ficando bom aí vai conseguindo aí, aí até hoje eu consigo esse... esse deprumo [sic] que Deus mim [sic] deu, foi pela minha cabeça.” (REZADEIRA, Colaboradora da pesquisa, 2021).*

Destaca-se que a rezadeira continuou exercendo esse ofício, pois as pessoas continuaram-lhe procurando, já que obtinham bons resultados com a reza. Além disso, ela destaca que todo ensinamento apreendido se faz presente até os dias atuais em

---

<sup>30</sup> D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 28.

sua memória. Mesmo com a idade avançada, lembra-se de cada cuidado, dizeres e especificidades que se deve ter para cada enfermidade, “[...] *tudo pela minha cabeça, fui aprendendo dessa pessoa velha que me ensinou há muitos anos, estava com 10 anos de idade e hoje estou com setenta e cinco anos. E não me esqueci de nada. Tudo que eu sei foi essa velha que me ensinou*”.

A compreensão de como se deu as práticas das rezas por parte da entrevistada permite reconhecer a importância que essa cultura tem para sociedade, mesmo não fazendo parte de uma ciência comprovada. Para Knijnik,

Os modos de produzir conhecimento, compreender e dar significado às experiências da vida cotidiana de outros povos (como por exemplo, os não europeus, não brancos, não urbanos) são considerados como não ciência, como não conhecimento. Nessa operação etnocêntrica, tais saberes acabam sendo desvalorizados não porque sejam, do ponto de vista epistemológico, inferiores, mas, antes de tudo, porque não se constituem na produção daqueles que na sociedade ocidental, são considerados como os que podem ser/devem ser/são capazes de produzir ciência.<sup>31</sup>

Por ser uma prática sem comprovação científica para obter a cura advinda das rezas, além dos dizeres e benzeções, é preciso também valer-se da *FÉ*, como afirma a entrevistada.

*“É, primeiramente a fé, que tô [sic]..., eu digo a eles, tudo a eles, ó, vocês vêm pra rezar, agora eu rezo, rezo com Deus primeiramente, agora é a fé de vocês. E minha fé, eu tenho levantado gente torto, ‘alejado’, com a boca torta, quandi [sic] eu tava boa rezava sete vez [sic], mas agora não. Os ramos fica preto [sic] que nem pó de café, quando a doença do tempo passa, o ramo cai tudo, que inem pó de café, ‘quema’ [sic], é o vento brabo que passa.”* (REZADEIRA, Colaboradora da pesquisa, 2021).

Mediante isso, compreende-se que a crença é algo marcante nas práticas dessa cultura, e que esta deve ser válida, tanto para a rezadeira quanto para quem a procura. Em uma de suas falas, a rezadeira afirma que não cobra para rezar, pois foi um dom dado por Deus, que a sua *FÉ* é que permite continuar realizando esse ofício, e todas as suas intenções são alcançadas através desta:

*“Não, não, minha reza Deus me deu foi saber, e cobrar nunca cobrei nenhum centavo. Agora traz vela, traz vela para acender para Nossa Senhora. Eu tenho minha Nossa*

<sup>31</sup> KNIJNIK, Gelsa. Itinerários da Etnomatemática: Questões e desafios sobre o cultural, o social e o político na Educação matemática. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 36, p. 161-176, dez. 2002. p. 165.

*Senhora, não troco por nada, minha fé em Nossa Senhora, que tudo que eu peço pa [sic] ela eu vejo. Peço pela saúde de todos os filhos de Deus, peço pela saúde de meus filhos, peço pela minha saúde. Eu não tô [sic] boa porque já cheguei a idade, é uma ostrose [sic] nessa perna, Ave Maria.”* (REZADEIRA, Colaboradora da pesquisa, 2021).

Diante disso, compreende-se ser importante conhecer e resgatar essas informações da entrevistada, uma vez que essas práticas comungam com o que já foi supracitado, indo ao encontro ao que se propõe a abordagem local da Etnomodelagem – “[...] essa abordagem está relacionada com a visão de mundo dos membros de grupos culturais distintos em relação ao desenvolvimento de seu conhecimento matemático, de seus costumes e de suas crenças”<sup>32</sup>. Dessa forma, destaca-se que a prática cultural das rezas se faz presente em diferentes lugares, podendo sofrer variações no que tange à forma de agir e executar.

Para Rosa e Orey, “O traço cultural é socialmente aprendido e apreendido das crenças, dos valores, das tradições, dos símbolos e dos significados que os membros de uma cultura específica adquirem no decorrer de sua história, de geração em geração”<sup>33</sup>. Isso especifica que, apesar de locais desenvolverem hábitos culturais parecidos, os costumes e forma de dar significados às coisas são inerentes do local em que a pessoa ou grupo está inserido.

Conforme D’Ambrosio, “[...] cada indivíduo carrega consigo raízes culturais, que vêm de sua casa, desde que nasce. Aprende dos pais, dos amigos, da vizinhança, da comunidade”<sup>34</sup>. Desta forma, além dos dizeres e práticas das rezas, há outros elementos que cada rezadeira carrega consigo, oriundos das suas vivências. Por exemplo, ao longo da entrevista foi possível observar algumas palavras que são próprias do local em que a entrevistada está inserida, podendo ser caracterizadas como jargões<sup>35</sup>.

Os jargões fazem parte das variações linguísticas gramaticais, e, portanto, ao trabalha-se com a cultura das Rezadeiras, é possível que por meio da disciplina de

---

<sup>32</sup> ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Etnomatemática: investigações em etnomodelagem. *Revista de investigação e divulgação em Educação Matemática*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 111-136, jan./jun. 2018. p. 114.

<sup>33</sup> ROSA; OREY, 2020, p. 261.

<sup>34</sup> D’AMBROSIO, 2001, p. 41.

<sup>35</sup> Linguagem própria de um grupo profissional, sobretudo no nível lexical; gíria profissional. MICHAELIS. *Jargão*. c2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/jarg%C3%A3o/>. Acesso em: 22 maio 2022.

---

Língua Portuguesa, por exemplo, fazer um estudo a respeito desse conteúdo. Segundo Santana e Neves, “no Brasil, as variações linguísticas presentes carregam suas riquezas, heranças culturais e representam a identidade do povo brasileiro.”<sup>36</sup>

Essas variações linguísticas decorrem da região em que os grupos estão inseridos, do meio social entre outros fatores, todavia, não se pode julgar erradas essas maneiras de falar, pois estas são compreensíveis e próprias do lugar onde comumente são proferidas.

Por vezes, os jargões utilizados pela entrevistada tinham seus significados explicados no decorrer de suas falas, porém, quando isso não acontecia, por se trata de um saber próprio daquele ofício, era necessário questionar do que se tratava, como aponta o excerto da entrevista a seguir.

Rezadeira: “[...] pra ‘difruçada’ também tem outra folha boa que eu sei.”

Entrevistadora: “Para quê?”

Rezadeira: “‘Difruçada’, quando a gente tá muito gripado.”

Após explicação, pôde-se perceber que o termo utilizado fazia referência à gripe, porém, por não se tratar de uma palavra comum no vocabulário das pesquisadoras, ocasionou dúvidas e estranhamentos, levando-se a questionar tal significado. Essa troca de saberes está diretamente ligada à diversidade cultural e pode ser considerada como dinamismo cultural, que para Rosa e Orey<sup>37</sup> refere-se à troca de saberes e fazeres entre sistemas de conhecimentos distintos, que possibilitam aos membros de diferentes culturas, a exploração ou a adaptação ao mundo que os rodeia.

Com isso, entende-se que a falta de compreensão de uma determinada palavra, ou em que contexto ela foi empregada, refere-se às diferentes realidades vivenciadas pelas pesquisadoras e colaboradora da pesquisa. Isso permite o entrecruzamento de significados e a compreensão de elementos intrínsecos à cultura

---

<sup>36</sup> SANTANA, Jessé; NEVES, Maria. As Variações Linguísticas e suas Implicações na Prática Docente. *Millenium*, Viseu, v. 48, p. 75-93, jan./jun. 2015. p. 79.

<sup>37</sup> ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. *Etnomodelagem: a arte de traduzir práticas matemáticas locais*. São Paulo: Livraria da Física, 2017.



investigada, os quais podem ser conectados a outras realidades e contextos a partir do olhar externo do pesquisador, por meio da abordagem ética.

A seguir apresentam-se alguns desses jargões, acompanhados de significados extraídos da fala da rezadeira, e interpretados pelas pesquisadoras, mediante as suas vivências e análise das falas.

❖ Deprumo – “[...] esse ‘deprumo’ que Deus mim [sic] deu foi pela minha cabeça”. O uso desse termo refere-se à sabedoria, ao dom que, segundo ela, Deus a concedeu para realizar as rezas e intermediar a cura das pessoas.

❖ Inflamaçar – “[...] aí dá ao menino pa puder [sic] não ‘inflamaçar’ os dente, nascer com os dentes limpos”. A rezadeira faz a indicação de uma erva, a qual o chá serve também para que os dentes nasçam saudáveis e fortes. O termo *inflamaçar* refere-se a algum tipo de mancha.

❖ Mufina – “[...] rezo aos três dias assim for, pessoa que tiver com muita ‘mufina’”. Trata-se da quantidade ou peso de energia ruim que a pessoa foi acometida. Se a pessoa estiver se sentindo muito cansada, com mal-estar, a energia depositada sobre ela é muita.

❖ Cerro na testa – “[...] eu rezo ele com o alho, ‘cerro’ na testa e mando ficar bom”. No ato da reza, é feito um movimento na testa da pessoa no formato de uma Cruz, parecido também com símbolo de adição (+).

❖ Sol se escravar – “[...] depois que o sol se escrava eu não rezo mais, aí eu rezo assim de manhã cedo”. Esse termo é utilizado para indicar que após o sol se pôr não se realiza mais nenhum tipo de reza. Assim, o mais indicado é que a pessoa procure uma rezadeira no período da manhã, até antes do final da tarde.

❖ Faciação – “[...] Ó, minha fia [sic], mai [sic] aquilo me deu tão pena [sic], que ela ficou com o zoi [sic] assim, ó (mostrando como estava), troceu [sic] a boca assim. Ela deu uma faciação no rosto assim”. Falta de simetria no rosto, ou seja, algumas partes do rosto da pessoa encontravam-se tortas.

❖ Mabaço – “[...] veio com os mabaçinhos dela, teve duas fêmeas”. O termo refere-se a bebês gêmeos, no caso, do sexo feminino.

❖ *Derradeiro* – “[...] *rezei três vezes, o derradeiro dia foi ontem*”. Como algumas rezas necessitam de mais de um dia de reza, o termo *derradeiro* refere-se ao último dia em que foi feita a benzeção.

❖ *Pelengando* – “*E o dali tá pelegando [sic], mas todo dia eu molho pra não morrer*”. O termo refere-se ao fim. No caso do fragmento anterior, as plantas cultivadas pela rezadeira estariam chegando ao fim da vida, morrendo.

❖ *Muléstia* – “[...] *eu já tive já tive dessas moléstias tudo, já tive papeira, já tive sarampo, já tive catapora, já tive bixiga*”. Trata-se de doenças que as pessoas podem ser acometidas.

Percebe-se que, apesar dos jargões serem características da cultura da rezadeira, é possível estabelecer conexões com a realidade em que as pesquisadoras estão inseridas e, por vezes, é possível também estabelecer características matemáticas nas suas interpretações, como: símbolo de adição, assimetria e medida de tempo. Isso decorre a partir da visão global, por meio de uma perspectiva dialógica, a qual

Utiliza ambos os conhecimentos, local e global, por meio do processo dialógico. [...] em seu encontro com outras culturas, os membros de um determinado grupo cultural absorvem as características do conhecimento que podem se encaixar naturalmente nessa cultura visando a enriquecê-la. [...] Nesse sentido, o diálogo auxilia na mediação entre os sistemas de conhecimento global e local.<sup>38</sup>

Conforme Rosa e Orey, “a base do processo da Etnomodelagem envolve a tradução e a interpenetração dos conhecimentos local e global, pois tem como objetivo a compreensão do dinamismo cultural resultante desse processo”<sup>39</sup>. Com isso, pode-se observar que a interpretação de um saber cultural permite traçar conexões com diferentes áreas de conhecimento, bem como elencar situações que corroboram com o ensino, em particular o de Matemática.

Outro elemento que se destaca, é o uso das ervas medicinais para indicações de chás e como instrumento de rezas. Estas, variam de acordo com a enfermidade que a pessoa é acometida. Por meio dessas ervas, destaca-se a viabilidade de ensinar

<sup>38</sup> ROSA; OREY, 2017, p. 49.

<sup>39</sup> ROSA; OREY, 2020, p. 278.

conteúdos de Ciências, Química e Biologia. Assim, pode-se estudar a origem, espécie, família e classe dessas ervas medicinais, bem como a estrutura e compostos químicos destas.

Conforme Cavaglier e Messeder,

O uso de plantas medicinais para fins terapêuticos é um conhecimento tradicional, ainda muito utilizado no Brasil, seja por causa do alto custo dos medicamentos industrializados, por dificuldades no acesso ao sistema público de saúde ou até mesmo na busca por opções terapêuticas mais saudáveis. Ainda para uma parcela da população, como a de origem indígena, o uso de plantas medicinais costuma ser a principal fonte de recursos na cura de doenças.<sup>40</sup>

Assim, destaca-se a importância e contribuição das ervas utilizadas pelas Rezadeiras para o processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que em alguns casos de doenças, as pessoas utilizam como recurso para melhora do mal-estar acometido, o uso dos chás.

Por fim, destaca-se a contribuição das práticas das rezas para o ensino de Matemática. Considerando as ervas e chás indicados, pode-se fazer uma análise gráfica das ervas, chás e rezas mais utilizados para cura de enfermidades, uma vez que, a Estatística Descritiva é um ramo da Estatística que aplica várias técnicas para descrever e sumarizar um conjunto de dados.

Além disso, pode-se trabalhar com problemas que envolvem conjuntos, por meio de situações que objetivam a realização de operações entre os conjuntos, sendo elas: a união, a intersecção e a diferença. Tendo em vista que há chás que servem para uma única ou diversas enfermidades.

Vislumbra-se que além dessas relações supracitadas, é possível que o professor pesquisador interessado em trabalhar com a temática, ao debruça-se e ter contato com representantes da cultura investigada, consiga extrair outras possíveis relações existentes, que contribuam para o processo de ensino e aprendizagem de diferentes disciplinas.

---

<sup>40</sup> CAVAGLIER, Maria Cristina Santos; MESSEDER, Jorge Cardoso. Plantas Medicinais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 55-71, 2014. p. 58.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo compreender a cultura das Rezadeiras e suas possíveis contribuições para o ensino e aprendizagem, sob o olhar das etno-x, mais especificamente a Etnomodelagem. Nesse sentido, após uma entrevista por meio de narrativas, pôde-se elencar diferentes abordagens de ensino, as quais podem ser desenvolvidas de forma interdisciplinar.

Ressalta-se que trabalhos que versam sobre essa óptica, além de aproximar os estudantes da sua realidade, permitem o resgate histórico e cultural de povos e saberes que contribuíram para o avanço da sociedade.

No que tange ao ofício das rezas, destaca-se que em suas práticas as Rezadeiras não se preocupam e nem buscam estabelecer relações com saberes científicos. Assim, os saberes por elas apresentados são inerentes das suas vivências e ações desenvolvidas (local), e as relações com os saberes escolares estabelecidos, emergem das vivências do pesquisador (global). E a junção dessas vivências podem originar implicações ou ações pedagógicas (glocal) que podem ser desenvolvidas em sala de aula, as quais buscam conectar estes diferentes saberes e ressignificar as práticas de ensino que podem ser representados, por exemplo, por meio de (etno)modelos.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 70. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BIEMBENGUT, Maria Sallet. Modelagem Matemática & Resolução de Problemas, Projetos e Etnomatemática: Pontos Confluentes. *ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v. 7, n. 2, p. 197-219, nov. 2014.

BIEMBENGUT, Maria Sallet. *Modelagem na Educação Matemática e na Ciência*. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto Editora, 2010.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e Ciência: desafios e conquistas. *INTERthesis*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 20-35, jul./dez. 2011.

CAVAGLIER, Maria Cristina Santos; MESSEDER, Jorge Cardoso. Plantas Medicinais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 55-71, 2014.

CORTES, Diego Pereira de Oliveira. *Re-significando os conceitos de função: um estudo misto para entender as contribuições da abordagem dialógica da etnomodelagem*. 2017. 226 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: um programa. *Educação matemática em revista*. Blumenau: Editora FURB, n. 1, p. 5-11, 1993.

D'AMBROSIO, Ubiratan. O Programa Etnomatemática: uma síntese. *Acta Scientiae*, Canoas, v. 10, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2008.

DI STASI, Luiz Cláudio. Arte, Ciência e Magia. In: DI STASI, L. C. (org.). *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: UNESP, 1996.

EGLASH, Ron *et al.* Culturally situated designed tools: ethnocomputing from field site to classroom. *American Anthropologist*, v. 108, n. 2, p. 347-362, 2006.

FRATELIS, Ânila Teresa Santana. *Entre o altar e o congá: ações sociais de mulheres religiosas em Governador Mangabeira (1970-1997)*. 2020. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

GERDES, Paulo. Etnomatemática e educação matemática: uma panorâmica geral. *Quadrante*, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 105-138, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, Braga, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

KNIJNIK, Gelsa. Itinerários da Etnomatemática: Questões e desafios sobre o cultural, o social e o político na Educação matemática. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 36, p. 161-176, dez. 2002.

LEWITZKI, Taisa. *A vida das benzedadeiras: caminhos e movimentos*. 2019. 242 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. Pesquisas em Etnomodelagem no Brasil: um olhar sobre as concepções de Modelagem Matemática. *ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação*, Marabá, PA, v. 4, n. 2, p. 17-32, 30 dez. 2022.

MICHAELIS. *Jargão*. c2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/jarg%C3%A3o/>. Acesso em: 22 maio 2022.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Etnomatemática: investigações em etnomodelagem. *Revista de investigação e divulgação em Educação Matemática*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 111-136, jan./jun. 2018.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. *Etnomodelagem: a arte de traduzir práticas matemáticas locais*. São Paulo: Livraria da Física, 2017.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Etnomodelagem como um movimento de globalização nos contextos da Etnomatemática e da Modelagem. *Com a Palavra o Professor*, Vitória da Conquista, v. 5, n. 11, p. 258–283, jan./abr. 2020.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Interloquções Polissêmicas entre a Etnomatemática e os Distintos Campos de Conhecimento Etno-x. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 63-97, jul./set. 2014.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagens êmica, ética e dialética. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 865-879, 2012.

SANTANA, Jessé; NEVES, Maria. As Variações Linguísticas e suas Implicações na Prática Docente. *Millenium*, Viseu, v. 48, p. 75-93, jan./jun. 2015.

SANTOS, Érica Oliveira. Rezas, Crenças e Saberes de Práticas de Curas e Lagoa da Rosa – Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-2011). *Textura*, Governador Mangabeira, BA, edição especial, p. 101-117, dez. 2012. (Publicado originalmente no v. 1, n. 1, jan./jun. 2006).

SANTOS, Jilda da Silva dos; MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. A Importância das Narrativas para as Pesquisas em Etnomodelagem. *INTERMATHS*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 195-211, 2021.

SANTOS, Marcelo Câmara dos. Algumas concepções sobre o ensino-aprendizagem de matemática. *Educação Matemática em Revista*, [S. l.], ano 9, n. 12, p. 150-156, jun. 2002.

SILVA, Elizete Machado. A tradição Popular das Rezadeiras no Município de Governador Mangabeira – BA (1962-1987). *Textura*, Governador Mangabeira, BA, edição especial, p. 119-198, dez. 2012. (Publicado originalmente no v. 1, n. 1, jan./jun. 2006).